REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 447

21 DE MAIO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Decididamente o nosso paiz é originalissimo e acontecem n'elle todos os dias cousas que teriam pilhas de graça se não fossem tão graves e podessem d'um momento para o outro custar rios de lagrimas.

Hoje mesmo, que escrevemos esta chronica aconteceu uma d'essas coisas originalissimas.

De manhã, ás 10 horas, no Tejo, mesmo em frente do Caes do Sodré, a duzentos metros, se tanto, distante da terra, por uma manhã deliciosa, com o rio tranquillo e sereno como um copo de leite, foi a pique um vapor da carreira de Cacilhas, com tripulação, passageiros e tudo.

Por um acaso providencial, salvaram-se todas as pessoas que iam a bordo, mas um bocadinho menos de sangue frio no capitão do navio afundado, e na sua tripulação, um bocadinho mais de demora na chegada de soccorros e Lisboa estaria a estas horas coberta de luto, e a terrivel catastrophe do *Ville de Victoria* teria, infelizmente, encontrado o seu *pendant*.

Contemos como o facto se passou, rapidamente, como elle se deu tambem.

As 9 horas e meia o vapor *Lusitano*, da empreza do sr Burnay, que era o melhor vapor da carreira da outra-banda, desatracára da ponte em direcção a Cacilhas, levando a seu bordo uns cincoenta e tantos passageiros.

Minutos depois o vapor *Josephine* da empreza Hersent, e que é um dos numerosos vapores que trabalham nas obras do Porto de Lisboa, vindo a toda a velocidade pelo rio acima, com um carregamento de pedra, abalroou com o *Luzitano* na altura da caixa das rodas.

Calcula-se facilmente o terror enorme, o panico de toda a gente que ia a bordo do *Luzitano*, d'aquelles cincoenta passageiros que iam, uns tratar da sua vida, outros passeiar até ao Alfeite e á Cova da Piedade, tendo sahido de Lisboa muito despreoccupados, sem pensar em perigos, com um mar de leite como estava, e que de repente se viam no meio d'um naufragio, com a morte defronte dos olhos e a terra ali a dois passos de distancia!

O panico foi enorme, mas felizmente o capitão do navio, o machinista e a tripulação não se deixou vencer pelo terror e tratou logo de providenciar urgentemente, rapidamente, como rapido era o perigo.

O machinista do *Luzitano* mandou logo abrir as valvulas da machina, para se esvasear o vapor, afim de evitar a explosão eminente em consequencia da subita entrada da agua: o capitão tratou logo de safar o barco do *Josephine*, que ficara com elle enrascado e de aproar a Lisboa a ver se tinha ainda tempo, antes do navio se afundar, de encalhar em qualquer dos aterros das obras do porto.

A idéa era boa mas impraticavel.

O rombo feito pelo *Josephine* no *Lusitano* fôra valentissimo, a agua entrára logo em grande quantidade e o barco começou immediatamente a afundar-se pela pôpa.

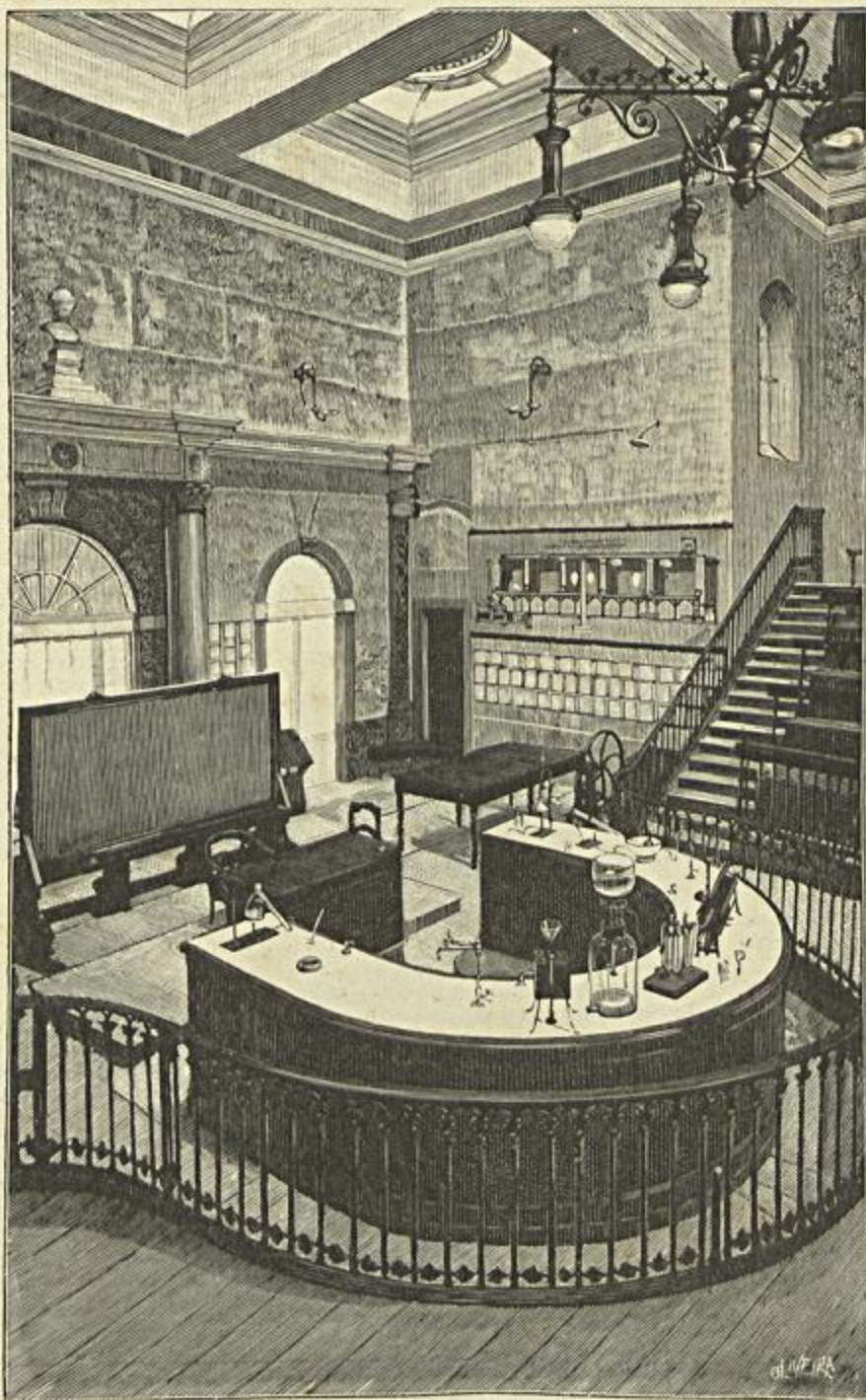
Dentro de segundos o *Luzitano* submergia-se quasi que a pique, perpendicularmente, conservando-se n'elle até ao ultimo momento, aquelles tinham a seu cargo o navio e que cumpriram briosamente com o seu dever.

Todos os passageiros e toda a tripulação se salvaram, uns a bordo do *Josephine*, outros nos barcos que correram logo ás dezenas ao lugar do sinistro.

Se os soccorros fossem menos promptos, e para isso bastava que o abalroamento se tivesse dado um bocadinho mais para o meio do rio, o salvamento dos passageiros e da tripulação teria sido muito menos provavel e Deus sabe quantas victimas haveria a lamentar a estas horas.

Até aqui o facto não tem nada de original. É um sinistro maritimo como acontecem muitos, ainda que em circumstancias muito especiaes, porque não havia mar bravo, não havia nevoeiro, não havia movimento algum extraordinario no rio, tres cousas que mais facilmente podiam explicar a catastrophe.

A originalidade do caso começa agora.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA — O AMPHYTHEATRO DA AULA DE CHIMICA

Os jornaes da noite narrando o facto fazem... revelações curiosas.

Por exemplo;

que segundo se diz, muitos senão todos, os capitães que fazem serviço nos vapores *Hersent* não tem carta de pilotagem do nosso porto e que possuem poucos ou nenhuns conhecimentos nauticos

que desde que se começaram as obras do porto de Lisboa, essas obras que tanto tem dado que fallar, os vapores *Hersent* teem mettido, com estes já quatro vapores no fundo.

Ora como é que se deixa enxamear o rio de vapores dirigidos por sujeitos que não tem para isso as habilitações necessarias?

Como é que se consente isto?

E como que é que depois d'esses vapores terem já mettido a pique tres barcos ainda se não deu por essa falta de habilitações?

Naturalmente está-se esperando por alguma grande catastrophe, d'essas que fazem sensação em toda a cidade para então se tomarem providencias energicas, mas tardias.

E' o nosso feitio, o feitio portuguez que a sabedoria das nações synthetisou n'esta maxima profundamente verdadeira — depois da casa roubada trancas á porta.

E' possivel que por causa do desastre do *Lusitano* se tomem algumas providencias, mas não é muito provavel, porque o desastre foi só do navio, não houve victimas e então não será muito fallado.

E isto não é assim só em relação aos navios é em relação a tudo.

Vejam lá os theatros por exemplo, se já hoje alguem falla nas providencias a tomar em caso de incendio?

Isso sim!

Fallou se muito, muitissimo, de mais até, quando houve a catastrophe terrivel do *Baquet*. Então quasi que se queria que os theatros funccionassem dentro d'agua, e que em cada sala de espectaculo não se admittissem mais de dez ou doze espectadores, que era para poderem sahir á vontade, sem atropellamentos n'uma occasião de panico.

Hoje quem falla n'isso!

E' positivamente o caso de Santa Barbara: ninguem se lembra d'ella, pobre santa! senão quando faz trovões!

Sem irmos mais longe vejam lá a crise ministerial.

Quando foi da revolução do Porto, todos os homens politicos e não politicos philosopharam largamente sobre o caso, sobre as causas que tinham originado esse movimento revolucionario, sobre as providencias a tomar para evitar que elle se produzisse de novo.

E todos foram concordes em attribuir grande parte das culpas á anarchia mansa em que nos ultimos tempos se tinha vivido, na falta de união dos partidos monarchicos, no longo interregno em que o paiz esteve sem governo quando foi a demissão do gabinete Serpa, em setembro do anno passado.

Vejam lá agora o que está acontecendo? Vejam se os partidos monarchicos se uniram, vejam se as crises ministeriaes se resolvem de prompto e se os perigos do paiz estar sem governo, perigos que todos conhecem e reconhecem, servem para que esses mesmos perigos se evitem?

Ai Santa Barbara! Santa Barbara!

*
* *

Deixemo-nos porém, de coisas tristes e fallemos em assumptos alegres, que é bem certo que tristezas não pagam dividas.

E assumptos alegres temos alguns esta semana, graças, a Deus, a começar pela festa artistica da sr.ª Cinira Polonio no theatro da Avenida, que festa bem alegre foi.

Cinira Polonio tem a especialidade nos theatros de Lisboa, dos beneficios de estrondo, com as salas de espectaculo transformadas em jardins de flores, em bosques de verdura.

As suas duas festas artisticas no theatro da Trindade foram assim e assim também foi na segunda feira a sua festa no theatro da Avenida.

O theatro, muito estreito, com a sua sala em corredor, não se presta muito a grandes ornamentações, mas, apezar d'isso, o delicado gosto artistico do sr. Jeronymo Silva, que foi quem dirigiu a decoração do theatro, sahiu triumphante d'essas defficuldades que o feitio do theatro apresentava e a sala do theatro da Avenida estava n'essa noite elegantissima, brilhantissima como n'unca esteve, desde que aquelle theatro é theatro.

A enchente foi completa e Cinira Polonio muito victoriada, sobretudo nas canções francezas que ella diz com toda a *verve* e com todo o *entrain* que constitue o segredo e o encanto d'esse genero exclusivamente parisiense e de que o publico de Lisboa tanto gosta, como *hors-d'œuvre* no *menu* theatral, que como unico espectaculo da noite não as tolera, o que se demonstra eloquentemente pela quebra de todas as companhias de *chansonnettes* que em varias epochas teem vindo a Lisboa e teem tentado implantar entre nós o genero de *café cantante*.

Cinira Polonio é magnifica n'essas cançonetas, e depois da Preciosi no celebre *En voulez vous*, o publico de Lisboa nunca viu nada egual ou superior á *Demoiselle de Pomercy*, á *La Petite Baronne*, ao *Piff! Paff! Pouff!* da Cinira Polonio.

O resto do espectaculo constou da opera comica o *Meia Azul*, a segunda operetta posta em scena pela nova companhia exploradora do theatro da Avenida, companhia que tem á sua frente o illustre maestro Cyriaco Cardoso.

A companhia é magnifica emquanto a actrizes, pois tem a Cinira Polonio a Lucinda do Carmo — que é o mais formoso talento que n'estes ultimos annos tem apparecido em palcos portuguezes — e Florentina Rodrigues, uma hespanhola graciosissima, que tem uma linda voz e um bello talento e que hade fazer carreira brilhante no theatro.

Alem d'estas tres *étoiles* tem uma caracteristica de certo merecimento, a sr.ª Emilia Brazão, um ensaiador dos mais intelligentes e illustrados que ha no theatro portuguez, um verdadeiro mestre — o actor-ensaiador Augusto de Mello e um regente d'orchestra e ensaiador musical, Cyriaco Cardoso, que é innegavelmente uma das mais brilhantes glorias artisticas do nosso paiz.

A companhia, tão rica n'estes elementos, é porém pobrissima emquanto a actores.

Tem um de grande merecimento, mas que não canta nem é artista de operetta, o actor Mello cujo logar indiscutivel e incontestavel era no theatro de D. Maria e entre os nossos primeiros artistas; tem outro actor muito apreciavel tambem, mas que não é um actor d'operetta, o sr. Sergio d'Almeida, e disse; os demais são principiantes que não sabem e que não podem arcar com as responsabilidades de primeiros papeis.

D'ahi uma grande difficuldade na escolha de repertorio. d'ahi uma grande desegualdade no *ensemble* das peças, apesar de todos os milagres que na sua *mise-en-scène* fazem o talento de Cyriaco e de Mello.

Reforçada com um comico bom e com mais dois ou tres artistas rasoaveis como cantores e rasoaveis como actores, a companhia da Avenida tendo aquellas tres illustres artistas e aquelles dois illustres ensaiadores, fazia prodigios e levava toda a cidade de Lisboa ao theatro da Avenida, theatro que até agora ninguem sabia onde era, e que, desde que lá está Cyriaco Cardoso, a população de Lisboa principiou já a aprender o caminho.

Gervasio Lobato.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

Laboratorio de chimica mineral da escola polytechinica de Lisboa

Publicamos hoje as quatro ultimas gravuras, que nos prometera o sr. José Julio Rodrigues, lente proprietario da respectiva cadeira e director do laboratorio de que nos occupamos.

Inutil é repetir que o remodolamento completo d'este estabelecimento d'ensino se deve exclusivamente á iniciativa e aos perseverantes esforços d'aquelle professor, que assim conseguio transformar um laboratorio velho e deficiente, sob variadissimos aspectos, n'um instituto modelo e dos primeiros no seu genero.

E' possivel que a recompensa de tão incansavel dedicação sejam as *costumadas* em terra tão cheia de invejas e malquerenças. Consola-nos porem a certeza de que o auctor de tão assignalados melhoramentos, no material do seu ensino, pouco se encommodará com os espinhos que por ventura encontre durante a benemerita propaganda em que ha tantos annos se empenha. O publico fez-lhe ha muito inteira justiça e d'isso teve provas e testemunhos eloquentes durante a viagem que ha pouco emprehendeu á Madeira e aos Açores.

A.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS ACONTECIMENTOS DE MANICA E O MAJOR CALDAS XAVIER

A prisão, em Manica, de Paiva de Andrada, Manoel Antonio de Sousa e João de Rezende, pela força armada da companhia ingleza *South African*, occorrida em fins do anno passado, estabeleceu um novo conflicto entre Portugal e a Inglaterra de que démos noticia no Occidente.

Esse attentado da *South African* levantou geraes protestos e em Lourenço Marques logo se tratou de organisar forças militares para irem reclamar a soltura dos presos emquanto pelas vias diplomaticas se reclamava no mesmo sentido.

Felizmente os prisioneiros foram postos em liberdade, pouco tempo depois de serem presos, mas os armazens e material da companhia portugueza de Moçambique é que ficára em poder das forças da *South African*, que se mostrava renitente a largar a preza, apesar das ordens do governo inglez que mandava evacuar os territorios portuguezes. Isto segundo constou.

As forças militares que se organisaram em Lourenço Marques compunham-se de voluntarios, commandados pelo major Caldas Xavier, de que publicamos o retrato, e com tanta presteza se organisou o batalhão, que a 17 de fevereiro já tinha chegado á Beira.

Um telegramma recebido em Lisboa no dia 2 do corrente dava aquelle batalhão em Massekisse. O telegramma é o seguinte:

«*Cidade do Cabo, 30*—(Serviço da Agencia Reuter)—As tropas portuguezas occuparam Massikesse. Os representantes da *South African* retiraram para Mutassa depois de terem entregue os abastecimentos pertencentes á companhia de Moçambique e que estavam confiadas á guarda d'elles—(Havas).

Este telegramma veio tranquilisar o espirito publico que andava inquieto com as noticias que corriam dizendo que a companhia ingleza tinha 10:000 homens armados para resistirem ás forças portuguezas, o que necessariamente complicaria mais a desgraçada questão ingleza que ha anno e meio a esta parte tem trazido o nosso paiz n'um constante sobresalto.

Como dissémos, o commandante do batalhão de voluntarios de Lourenço Marques é o sr. major Caldas Xavier e a respeito d'este official encontramos no nosso excellente collega *As Colonias Portuguezas* as seguintes linhas, que pedimos licença para transcrever:

«Caldas Xavier é um rapaz na força da vida e do enthusiasmo, visto contar hoje 39 annos; tendo concluido o curso d'infanteria na escola do exercito foi despachado alferes graduado em janeiro de 1875.

Como alumno da escola do exercito, Caldas Xavier mostrou notavel aptidão; e a pedido do illustrado repetidor e homem de letras tão cedo roubado á sciencia e á patria, Thomaz Bastos, construiu um modelo em gesso sobre as *modificações do fosso* e outro em madeira representando um *blaukause*, modelos que figuram no museu da nossa escola militar e foram justamente apreciados.

Em 1877 organisava-se a primeira expedição d'obras publicas para a provincia de Moçambique e Caldas Xavier foi dos que se contractaram para esse serviço na qualidade de conductor; da maneira como elle se desempenhou dos trabalhos que lhe foram confiados o diz o seu director, o illustre engenheiro J. J. Machado, actual governador geral de Moçambique, que sempre n'elle encontrou um valioso e incansavel auxiliar á sua actividade de engenheiro, sendo por assim dizer o seu principal auxiliar nos estudos do caminho de ferro de Lourenço Marques. Ainda durante o periodo da commissão d'obras publicas, Caldas Xavier contribuiu para a organisação das forças para bater o rebelde Zavalla, e se não tomou parte na lucta, foi porque as febres o prostraram, merecendo por taes serviços justos elogios do governador geral, o illustrado general, Francisco Maria da Cunha,

Terminada a commissão d'obras publicas regressou á metropole voltando pouco depois para Moçambique afim de dirigir os trabalhos da companhia do opio,

Em tal commissão Caldas Xavier houve-se com notavel actividade, e se a empreza não cahiu foi por certo devido ao seu gerente n'aquellas paragens, por quanto elle empregou toda a boa vontade em a fazer prosperar. O regimen por elle adoptado no prazo em que estava estabelecida a companhia era porém mal visto pelos arrendatarios dos outros prazos, e essa ou outras causas deram motivo a que os estabelecimentos da companhia fossem atacados pelos massingires.

Caldas Xavier sustentando-se n'um renhido ataque e defendendo-se durante horas, apenas acompanhado por um seu irmão e pelo inglez machinista ao serviço da companhia, praticou um dos actos mais heroicos da sua vida e se não fôra soccorrido a tempo teria sido victimado; Serpa Pinto, Capello e Ivens, que tiveram occasião de ver o pequeno armazem de ferro crivado pelas balas dos rebeldes, deram testemunho da coragem heroica do valente official.

Desgostoso por ver que a companhia do *opio* tinha perdido o seu caracter portuguez, Caldas Xavier exonerou-se do cargo e regressou a Lisboa em 1886.

Em fins de 1887 era nomeado chefe de secção do caminho de ferro de Mormugão e ahi conjunctamente com os trabalhos d'engenharia não esquecia a Africa porque é fanatico; estudava, e propunha se fazer uma exploração em Africa tendo sido presentes á Sociedade de Geographia as bases em que entendia devia fazer esse serviço; publicou em Gôa o seu estudo sobre a Zambezia, estudo de valor, que foi poderoso subsidio á commissão que estudava a remodelação dos prazos da Zambezia.

O governador da India reconhecendo-lhe o merito retirou-o da fiscalisação do caminho de ferro, nomeando-o chefe interino da repartição militar e mais tarde governador interino de Diu onde pouco se demorou por de novo ser chamado para a fiscalisação, afim de substituir interinamente o inspector do caminho de ferro, que telegraphicamente havia sido chamado a Lisboa; desempenhando se de todas estas commissões com merecidos louvores, regressou a Lisboa em principios de 1890. Estava então para partir para Lourenço Marques o illustre engenheiro Machado afim de conjunctamente com uma commissão d'engenheiros do Transwaal procederem á delimitação de fronteiras; o infatigavel engenheiro escolheu para seu auxiliar o que já havia sido seu companheiro de trabalhos e era um amigo dedicado, e eil-o de novo, quasi sem descanço, a caminho d'Africa. Chegado a Lourenço Marques o engenheiro Machado foi nomeado governador geral de Moçambique, sendo substuido na commissão de delimitação de fronteiras, pelo engenheiro Freire d'Andrade a cujas ordens Caldas Xavier foi servir; terminada a campanha da commissão mixta, Caldas Xavier dirigiu a construcção ou antes quasi construiu por suas mãos, um pequeno barco, uma casca de noz, a que deu o nome Freire d'Andrade, e simplesmente acompanhado de dois negros desceu o Limpopo, obrando prodigios de tenacidade e coragem, apparecendo em Lourenço Marques dois mezes mais cedo que o seu chefe, que em companhia do conductor Serrano havia seguido por terra.

Caldas Xavier regressando a Lourenço Marques, foi surprehendido pelas noticias de Manica que tão dolorosa impressão causaram no paiz, e, seguindo o impulso natural do seu patriotismo e bravura, offereceu se para commandar o batalhão de voluntarios, que em Lourenço Marques se organisava para ir occupar as terras de Manica. Conhecedor do viver do sertão, ao facto da politica do sul d'Africa e das intrigas que por toda aquella região os flibusteiros da companhia Sul Africana põem em jogo para nos esbulhar dos territorios de Manica, nós que sabemos quanto vale a coragem, a bravura alliada ao saber do nosso distincto amigo, temos fé que elle saberá desempenhar se da mais ardua e difficil tarefa que até hoje tem tomado sobre seus hombros.»

O telegramma a que nos referimos no principio d'este artigo, mostra que Caldas Xavier soube desempenhar-se bem do pesado encargo que voluntariamente tomou.

A IRMÃ PALLIDA

Ella tinha apenas dezoito annos e já não via o Azul, o grande Azul dos astros e das aspirações, senão atravez do xadresado lugubre das grades de um convento. Entrara, creança ainda, para aquella casa escura que pesava na sua mocidade como uma pasta de treva, lodosa, de sepulchro, e o seu sorriso ganhara uma côr triste, desbotando um vermelho de labios seccos no oval lactescente do rosto fino e marmorisado de esculptura antiga

Vivia n uma passividade de somnambula deslisando ao longo dos corredores arcuaes, extensos, mal illuminados, com uma indifferença de quem tem obcecada a perceptibilidade moral. Ao principio, tivera medo d'aquellas paredes, que de espaço a espaço, se manchavam d'uma scena biblica em azulejo, onde a luz tibia, como que se demorava mais, dando reflexos vagos de crespuculo hyemal áquelles vultos de velhos e de anjos, de santas e nuvens azues, como ella já vira em sonhos, á suggestão de uma copla perdida...

As vezes, ao cahir da tarde, quando o *angelus* melancholisava o som dos sinos, errante pela paysagem escorrendo sangue do poente, ella subia á sua cellula que ficava alta, muito alta, e abstrahia-se n'um sonho contemplativo; — o alfobre flavescente das searas maduras, as arvores, as casas, entumeciam-lhe a alma de um desejo vago e sentia então mais densidade no seu luto intimo, como se um jorro de sangue e fel lhe saisse do coração e lhe tecesse uma nuvem diante dos olhos avidos...

Um dia chorou. Sem saber porquê, sem quasi sentir nada de anormal, viu-se cheia de lagrimas e, branca, os olhos chispando de hysteria, lançou inconscientemente as mãos ás grades, como a arrancal-as! — Comprehendeu então a causa da sua amargura e, desde aquelle dia, o seu soffrimento duplicou-se, mais violento, com uma aspiração bem nitida...

Sentia mais a humidade da sua cella e, no arythmo cruel das insomnias, o seu espirito exaltado creava phantasmas negros na semi-obscuridade do vago, vozes que lhe fallavam das abobadas altas, indistinctas quasi...

Odiava já aquelle casarão velho onde os passos tinham um echo funerario, e as palavras uma vibração surda de monodias estranguladas. E durante o dia, nas orações do côro, entre o funebre uniforme das monjas e a luz incerta dos tocheiros, tinha agonias intimas, lentas, despedeçadoras, e a voz sahia-lhe da garganta a custo, monosyllabada, com lagrimas expectoradas n'um espremer angustioso da alma...

Tinha abalos de satisfação quando acabavam as rezas; — sahia quasi alegre, até á sua cella, e tinha então pensamentos pueris vendo o sol alastrado no soalho, pela abertura da janella gradeada. Sentia por vezes medo de si; — aquella satisfação que lhe accendia o animo apenas findas as orações habituaes, enchiam-n-a de pavor e então resava muito, pedia a Deus que lhe perdoasse e protestava o seu arrependimento, fervorosa e sincera. Mas no dia seguinte .. sentia-se a mesma, e dizia-se já perdida, sacrilega, infame... tudo!

*
* *

Um dia foram encontral-a á janella da cêrca, chorando. — Arrastaram-n'a para dentro, interrogaram-n'a com uma severidade esquisita, e, como ella não respondesse, imposeram-lhe uma penitencia feroz de rezas e jejuns.

Aquillo enfraquecia-lhe o espirito, deixava-a em uma hypnose de lagrimas animicidas.

E, emquanto o silencio do mosteiro pesava na lentidão da noite, como um soluço abafado, a Pallida, na estreiteza da cella humida onde a tinham encerrado, em castigo, sentia escorrer dentro do peito as mesmas bagas de humidade verde, que as paredes escorriam, e aspirava já um pedaço de azul, uma scintilla de luar, uma rajada de ar puro, que adivinhava lá fóra sobre as paysagens longas, verdes e loiras, com o seu idealismo de virgem. Mas, nem uma janella, sequer! — nem ao menos a luz de fóra, coada pela muralha reticular dos ferros, lhe era permittido absorver já.

E, no emtanto o seu crime fôra pequeno—chorara, é mais nada.

Mas, não! As monjas tinham decerto uma inspiração superior que adivinhava a sua hypocrisia nas rezas, e aquillo que ella agora soffria era um castigo ao seu coração de renegada e não ás suas lagrimas.

Mas, renegada, ella?... Então ter uma aspiração de ar, de liberdade, a aspiração de todos e de tudo, era fazer-se maldicta? — Não, não podia ser! E se a sua oblata diaria, não era sincera como a d'esses espectros encanecidos que a cercavam, quem lhe affirmava a ella que em todas as mocidades não havería um grito egual? — Sim, devia haver.

Depois, ella não fazia aquillo por vontade; — abstrahia-se e, mesmo sem o sentir, desejava-se longe d'aquelle apparato de tocheiros accesos e incensos queimados. Mas quando se recordava do crime, rojava se ante a imagem do Christo, magoando os joelhos, obsecrando perdão, protestando, sinceramente, um arrependimento que ella pensava eterno, mas que o dia seguinte quebrava.

Tinha pensado já em matar se, mas acobardara-a essa ideia funebre. Viera-lhe á lembrança o que fariam ao seu corpo branco e nervoso, depois de morta; — via uma cova aberta em terra escura, avida de aprodrecer a sua carne florente de virgem loira, ouvia as pázadas de terra cahindo isochronamente sobre o seu caixão, e, por fim, um peso grande, uma oppressão desusada... — Verdade era que ella nada sentiria na sua insensibilidade de morta. Mas, se não morresse e as monjas a enterrassem julgando a um cadaver? — E ouvia as monodias resadas por sua alma, sob a arcaria do velho templo, sentia os damascos brancos da sua mortalha de noviça, roçaram lhe na epiderme, como laminas de aço polido. Era horrivel; não, não se mataria. Depois, o suicidio era um crime, e ella, morrendo criminosa, não subiria até ao velho ceu da lenda que a sua imaginativa pintava de colorações extranhas, como a ventura infinita .. Não, não se mataria. Queria morrer velha, mesmo depois de um soffrimento continuado — teria, assim, a euthanazia das Santas biblicas, fecharia os olhos sob o peso suave das bençãos de todos, e a sua alma, como uma etherisação branca, ascenderia até ao Azul suspensa por um fio de luar...

Soffreria o seu tormento, sim, por muito grande que elle fosse; — e acabado o castigo imposto, havia de ser boa crente, alimentando a sua aspiração com uma miragem de illusões, vendo o mundo atravez das grades cellulares.

*
* *

As insomias lentas, aquella grande escuridão humida onde o ar como que emanava do pavimento de terra endurecida, atrophiou-lhe a saude, e começou a sentir-se mal, como se o corpo cedesse tambem á tortura intima.

Quando a arrancaram de lá, vinha pallida, mais pallida do que era costume, o oval do rosto cavádo a salientar os ossos, e os olhos velados em azul de ceu distante, com um brilho vitreo de lagrimas que crystalisassem a um frio de desanimo...

Quando viu o sol teve um deslumbramento e sorriu lhe como se sorri á luz que nos desperta de um pesadello tormentoso.

Começou então a fingir-se devota, resando longas horas sob as arcarias claustraes e aconchegando-se ao seio frio das velhas monjas, como anceiando uma reabilitação de boa crente. Fazia sacrificios enormes e os seus joelhos brancos laceravam-se, manchando-se de contusões, em azul escuro, que a magoavam como puas de cilicio.

E olhavam-n'a já bem, no mosteiro. Pasmavam da sua mudança e attribuiam-n'a ás orações resadas em côro, á hora do *angelus*, quando o poente morria n'um nevoeiro de flamma.

Emmagrecera muito com aquella vida ciliciosa. Em torno dos olhos uns circulos azulados, funestos, cavavam mais fundo na sua epiderme, dia a dia, fazendo resaltar n'um globulismo de azul doloroso os grandes olhos avidos de sonho...

Um dia quando ella orava sobre uma lage sepulchral de amiga morta, veiu-lhe á bocca uma onda de sangue que quasi a ia suffocando. Passou-lhe por os olhos um presentimento vago mas negro, muito negro, como uma dispersão de lodo, e pareceu-lhe que a lage onde estava ajoelhada se abria como a convidal-a e lhe sorria, ironica, com uns labios feitos do sangue que sahira do seu peito.

Fugiu espavorida e contou o caso a uma monja que lhe chamava filha. Um tremor irreprimivel da velhita assustou-a mais; e por entre lagrimas, exclamou, cravando os olhos nos de ella, muito avida: — É verdade que morro, não é?... — Não, não... — e n'um delirio confidencial, accumulava provas, incompletas, por uma necessidade nevrotica de contar, de tenuisar aquelle veu... E aconselhou a a professar; citou-lhe textos sagrados, passagens biblicas luaradas de chimera — e que não morreria; — confiasse ella em Deus, promettesse ao ceu toda a sua vida em honra do culto, e que não desanimasse, sobretudo ..

Animaram-n'a um pouco aquellas palavras e quando um fluxo de sangue lhe vinha do peito, como braza liquescente, rojava-se ao supedaneo das cruzes negras e pedia muito a Deus que não lhe acabasse a vida, porque queria soffrer muito, muito, como as martyres antigas... — e tinha palavras infantis, doidas, convulsionantes...

(Continúa)

D. João de Castro.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance Original

V

EXPIANDO A CULPA

Descrever o soffrimento de Anninhas nos primeiros dias da sua clausura, seria repetir dia a dia, hora a hora, a mesma scena compungente de lagrimas, em que a saudade da infeliz, pelo filho de quem a arrancaram brutalmente, ia profundando n'alma cada vez maiores raizes.

O que a seus olhos parecia aggravar-lhe dolorosamente a sua situação era o culpado motivo porque ali se encontrava.

Vergonhosa cegueira!

Agora é que apreciava bem quanto descera perante o mundo, perante a sociedade, e como aquellas boas creaturas, de que se encontrava rodeada, a haviam de achar desprezivel. Ellas que tinham sacrificado pelo claustro, pela austeridade serviam inconscientememte a causa d'esta perseguição, que já não podiam duvidar, ser o proposito d'uma exploração infame.

A propria superiora não foi indifferente á dôr da inclausurada.

Mandou-lhe que viesse á sua presença, na intenção de lhe dirigir algumas palavras que puzessem cobro aos murmurios de censura que vinham chegando aos seus ouvidos, e foi a final uma das que mais concorreu para suavisar o desespero d'aquella desgraçada.

— Vejo-me obrigada a censural-a, irmã, começou a superiora, logo que viu entrar na sua cella, Anna da Soledade. A causa do seu encerramento aqui, que se não tem eximido a contar ás religiosas que a vão visitar, levam-me a exercer uma vigilancia mais rigorosa nos seus actos, e a evitar que tão ameudadas vezes prive com ellas.

— Nem me será permittido desaffogar em lagrimas a grande dor que me esmaga?

— Nada remedeia com isso volveu a abbadessa. Acha-se aqui para cumprir a sentença d'um tribunal que a condemnou por uma culpa deveras me como urdiram o trama vilissimo em que havia de deixar sepulta a minha honra, cada vez mais fundo e firme mantenho o proposito de vingança. Que serve para uma alma assim allucinada o conforto da esperança que lhe devia trazer a sua entrada na casa do Senhor? Que labios podem balbuciar orações, quando do coração trasborda o fel?

— Conte-me então, conte-me tudo... Não é a superiora que tem n'este momento a escutar as suas confidencias, mas a mulher cujo passado morreu debaixo d'este habito, que nos obriga a esquecer e a esquecerem-nos. Bem vê que não foi debalde que invocou esse orgão, que ha muito eu julgava morto em mim — o coração.

Anninhas recapitulou então toda a sua existencia depois da morte do pae. A maneira astuta como a arrastaram a esposa de um homem que não amava, os dois annos que fora casada, o seu encontro com Luiz, o abandono em que o morgado a deixava conviver com esse rapaz que se tornara assiduo visitante de sua casa; e finalmente as consequencias d'essa affeição, os sobresaltos da sua gravidez, as alegrias da maternidade, o roubo do filho, as ameaças do marido, a sentença do processo que a condemnava por adultera, e a maneira brutal como o corregedor a fizera conduzir escoltada por dois alguazis, d'entro d'uma carroagem, até á porta d'aquelle convento, dias depois de lhe tirarem o filho e onde ficara sepultada talvez para sempre.

E depois accrescentou por entre soluços:

— Não me custa a expiação da minha falta, nem fujo á responsabilidade do meu delicto. Que me despojem da fortuna e da liberdade isso que me importa? Que me separem para sempre do ente que verdadeiramente amei, devia ser assim, resigno-me; mas tirarem-me meu filho para continuarem n'esse innocente o castigo da minha falta, é mais do que barbaro, é ignobil. E não haverá um meio de obstar a isto? Não haverá justiça que torne responsavel esse homem d'um crime de infantecidio?

— Pois julga? Interrogou com espanto a superiora.

— Acredita que dois scelerados, como os que se sujeitaram a servir em tão nefando papel, teriam coração para se condoerem da infeliz creança, e que lhe conservariam a vida, quando depois de receberem o ouro em troca de a fazerem desap-

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA — AMPHYTHEATRO DA AULA DE CHIMICA, BANCADA DOS ALUMNOS

do convento, os seus devaneios de mulheres, e de mulheres formosas, algumas.

Nunca, ao sentir pulsar o seu coração virgem de affeições, por esse rapaz que tinha na voz todas as melodias da seducção e no olhar todas as fascinações irresistiveis do amor, suppuzera, que teria um dia de corar humilhada, exactamente como a primeira Eva na presença do anjo quando a arguira de peccar.

Fechada na cella de penitencia, que lhe tinha sido destinada pela superiora, Anna da Soledade só tinha ordem de sair quando tocava para o refeitorio ou para o coro.

Envergaram-lhe o habito de noviça e cortaram-lhe as formosas tranças de cabello, quasi sem que ella désse por tal.

Só a absorvia um unico pensamento, só tinha uma unica preoccupação — seu filho!

Longe do que prevera, Anna da Soledade não encontrava em todos que se abeiravam d'ella senão sympathia e respeito.

A sua dor era tão funda, tão commoventes as suas lagrimas, que mesmo contra o preceituado no regulamento interno do convento, as boas das religiosas corriam para junto d'ella a confortal-a, a dar-lhe animo para carregar com a sua cruz, chegando até muitas vezes a censurar os que gravissima. Nada tenho que ver com a justiça com que esse julgamento foi feito. Foi-me entregue, respondo para com quem m'a confiou, tendo alem d'isso o dever de zelar pelo respeito, pela ordem e pelo decoro d'esta casa, que está sob a minha vigilancia, sob a minha direcção.

— Mas em que prejudicam as minhas lagrimas a disciplina que deve ser observada d'entro destes claustros, ou o respeito que todos devem á sua superiora? Contestou Anninhas. Ah! minha senhora, digne-se ouvir-me, consinta que por um momento a minha voz transponha essa fria mortalha que a torna insensivel ás dores geradas no mundo, e se dirija ao seu coração de mulher, e de mulher que tambem poderia ter soffrido como eu, as augustias d'um amor despedaçado, a perda d'um filho estremecido.

— Não falle d'esse modo, poderiam ouvil a e...

A superiora foi fechar a porta da cella e voltando para onde se encontrava Anninhas, levantou-lhe a cabeça e demorou-se fitando-a tristemente. Nos olhos deslisavam-se-lhe duas lagrimas.

— E' deveras infeliz, minha irmã?

— Sim, senhora, bem infeliz, porque para a minha dolorosa existencia não haverá nunca consolação no esquecimento e no perdão. Cada dia que passa, cada hora que medito na maneira infa-

parecer, ella se lhes tornasse um fardo insupportavel, ou os podesse denunciar pelo seu crime?

— Quem sabe? tornou a superiora, como que absorvida n'uma ideia... Visto que tinham tantos meios de dar um destino a seu filho, para que havemos de suppor logo que escolhessem o peior, o mais doloroso para si? Não será antes mais provavel que o abandonassem pelo caminho e que alguem o encontrasse e o recolhesse?

E como tomando uma resolução:

— Descance, se me promette ter sangue frio e juizo, eu tambem lhe prometto que me irei empenhar em encontrar essa creança, isto é, de saber onde se encontra.

— Oh! minha boa senhora, pois quer? A minha vida não basta para lhe offerecer em troca do immenso bem, do enorme jubilo, que as suas consoladoras palavras acabam de me fazer experimentar!

— Com a condição, apenas de, se mostrar resignada e começar de hoje em diante uma vida nova.

— Por amor d'elle tudo farei. Até aqui coberta de pejo, incitada pelo odio, julgava-me no direito de me desculpar perante todos e de accusar a conducta d'esse infame, causador unico de toda esta longa expiação; agora vejo que se torna necessario resgatar por uma vida de sacrificios o meu anterior procedimento e purificar-me no santo amor de mãe.

— Agradeço-te, minha filha, disse beijando-a a superiora, e acredita que te dou este titulo certa de que corresponderás obedecendo-me em tudo que te impuzer... Agora acerca-te d'aquella mesa. Ali tens papel e tinta, escreve...

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA — Sala dos trabalhos do laboratorio de chimica mineral, lado do motor de gaz e dos dynamos

Anna da Soledade limpou os olhos ainda humedecidos, guardou o lenço no seu habito, depois resolutamente, empunhou a pena e aguardou que a superiora lhe ordenasse.

Esta ao cabo de pensar dirigiu-se para Anninhas.

— E' preciso mencionar n'esse papel se a creança póde ser reconhecida por algum signal particular, e se na roupa havia alguma marca que possa servir de indicio.

Anninhas traçou as linhas precisas onde lhe tinha sido indicado e depois levantou-se apresentando o manuscripto á superiora.

— Magnifico, duas probabilidades a favor da nossa causa. O signal do hombro e o S com que está marcado o envolvedouro. Agora vae descançar e reza por teu filho.

Anninhas beijou commovida as mãos e as faces da superiora e retirou-se á sua cella.

Apenas ella saiu a superiora tocou a campainha. Appareceu uma criada de serviço.

— Ainda está o sr. Capellão?

— Ainda, Rev.ma

— Diga que preciso fallar-lhe.

O capellão não se fez esperar. Ao vel-o entrar a superiora convidou-o a sentar-se e mostrou-lhe o papel que tinha na mão.

— Vê isto?

— Perfeitamente, Rev.ma

— São os indicios unicos com que nos vamos empenhar á procura d'uma creança do sexo masculino, roubada ha dois mezes do solar dos morgados de Louredo, por uns ciganos que receberam ordem de a fazer desapparecer.

— Trata-se de uma exposição clandestina?

ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA — Vista geral da sala de trabalhos do laboratorio de chimica mineral

— Trata-se de um roubo infame. A mãe d'essa creança era a unica senhora de toda a fortuna que actualmente existe em poder do morgado. Circumstancias, que não vem agora a proposito referir-lhe, tornaram escandaloso o nascimento d'essa creança, e o morgado desfez-se da mulher que enclausurou aqui, e do filho que mais tarde poderia apparecer a reclamar aos seus herdeiros o que de direito lhe pertencia.

— Perdão, perdão, sr.ª abbadessa, os filhos adulterinos são considerados espurios e como taes só têem direito de exigir de seus paes os alimentos necessarios.

— Porem julgado nullo o casamento, contestou a superiora, visto que elle não se realisou de facto, a creança pode ser perfilhada e os paes legalisarem pelo matrimonio essa filiação.

— Tudo isso pode ser, mas...

Uma vez encontrada a creança tudo mais será facil de resolver. E' bom que quando a justiça dos homens erra, a substitua a justiça de Deus; e essa, se não poder dar o filho a sua mãe, fará ao menos restituir por sua vez a herança ao bastardo!

(Continúa) *Julio Rocha.*

DEPOIS DE UMA LEITURA

(Das poesias de M. A. Alvares de Azevedo)

Li os teus versos, ó meu pobre amigo,
O misero cantor, tão cedo morto,
E ver-te imaginei, e, como outrora,
Soar a tua voz nos meus ouvidos.
Quantos não repetimos juntamente,
Quando do dia e noite a melhor parte
Levavamos em praticas suaves!
Ambos crianças quasi, cheios ambos
De projectos, de amor, de enthusiasmo,
Havia já em nós um véu de sombras,
Que o purpureo horisonte da existencia
Nos empanava; uma tristeza estranha,
Indefinida; em ti da morte proxima
Claro indicio, inda mal; travo amargoso
Em mim da solidão e do abandono
De quasi toda a minha vida, annuncio
Da desgraça futura, tudo envolto
Com a saudade da adorada patria.

Um e outro fugiamos das festas;
Eramos ambos tristes. Florea sarça
Já se nos antolhava n'esse tempo
O mundo, onde rasgavamos as azas
Em nossos vôos de infantil audacia;
Porem d'entre os teus labios muitas vezes
A descrença fatal, o desespero,
Ou a gargalhada estridula da satyra,
Que faz rir e lacera, prorompiam,
Verberando implacaveis quanto existe
De injusto e de ridiculo nos homens.
Eu não; nem um sorriso passageiro
Me animava o semblante; a minha musa
Era casta, sem fel, e os olhos timidos
Só estendia para o céu da patria,
Ou para o céu ideal dos meus amores;
Por isso, emquanto sffrego os delirios
Acompanhavas do allemão poeta
No tenebroso Fausto, ou a mofa e escarneo
De Byron, ou do auctor da Notre Dame
As estrophes de fogo, eu padecia
Com a dor de Gonzaga, eu suspirava,
Longe do solo que me dera o berço,
Co'o divino cantor da lusa gloria,
Ou gemia de amor com Lamartine.

Como, ao sentir o bemfazejo sopro
Da primavera, a terra, obediente
A' força natural, brota espontanea,
E se enfolha e floresce, taes brotavam,
Da juventude ao sol, as nossas almas.
Tinhamos precisão de amar, que a seiva
Irrompia de nós; de n'algum ente
Idolatrado refletir a chamma,
Que, indomito vulcão, nos abrasava;
De encarnar esse typo quasi angelico
Das nossas creações; e a meiga virgem
Que pela vez primeira nos sorria,
Ou nos jurava mentiroso affecto,
Nós, incautos e credulos, prestavamos
Nosso ardor, nossa fé, nossa pureza.
Quantas d'essas paixões, quantas chorámos
No inexperto alaúde, até que vinham
Estancar-nos as lagrimas tão promptas,
Tão abundantes outros bellos olhos,
E novamente nos fagueiros braços
De cegas illusões adormeciamos!

O que serias tu, se infausta morte
Não te roubasse á patria e a nós tão breve
Na edade em que se empenna o genio ancioso
D'outros céus, d'outra luz! Ha nos teus versos,
Preludio apenas de futuro canto,
Um secreto condão que nos fascina,
Uma desaffectada ingenuidade,
Uma belleza, uns vividos lampejos
De talento e vigor, que transparecem
Aqui, alli, com duplicado enlevo
Por entre o véu irregular e incerto
Do pensamento e forma D'este modo
Em serena manhan de frio inverno,
Brilhando á luz do sol, meio escondida
Por alvacenta nevoa, se nos mostra
Mais bella e caprichosa a natureza.

O' infeliz mancebo, que passaste
Na terra um só momento, acalantado
Por doiradas visões de altiva gloria,
De incendida paixão, que insana febre
De goso e de saber te devorava,
Como se presentisses que era rapido
O teu peregrinar por este mundo,
E quizesses viver em poucos annos
Uma longa existencia! Revelou te
O horoscopo cruel do teu destino
Algum anjo talvez, quando a deshoras,
Todo embebido em cogitar ignoto,
Voavas pela abobada estrellada?
Ou essa pallidez que te cobria
De um manto melancholico, reflexo
Do sol da vida ao pratear-te a loisa,
Ou essa pallidez que mais profunda
Tornavam as vigilias da sciencia
E as insomnias de amor?

Bem me dizias,
Pobre mancebo (e, incredulo, eu negava
Fé a tuas propheticas palavras!):
Antes que á patria volvas, eu á terra
Da patria descerei; beba se inteira,
Beba-se inteira pois do goso a taça,
Embora saiba que hei de achar no fundo
Misturado com elle o fel da morte!
Que vale um dia mais a quem tão poucos
E tão mesquinhos da existencia restam?

E um dia só viveste. Era a tua alma
Grande para o teu corpo, tão franzino,
Tão debil, como os leques das palmeiras
Do teu paiz natal; evaporaste-a,
Em cantos, em suspiros, em desejos,
Em osculos de amor; mas, assim mesmo,
Quebrou o encerro que a prendia ao mundo,
E ao ar da immensidade, a que aspiravas,
Foi reunir-se no infinito espaço.

Hoje de ti que resta, ó meu amigo,
O' joven trovador? Os sons quebrados
De um alaúde que afinava as cordas
Para se desprender talvez em onda
De fogo e de harmonia, um nome caro
A quantos prézam de Camões a lingua;
E no campo dos mortos uma lapide,
Onde a patria curvada e pranteando
Põe a c'rôa de myrtho que tecia
Para te ornar a fronte esperançosa,
Que morte insana lhe roubou tão cedo!

Ramos-Coelho.

NOVIDADES DA SCIENCIA

Dança ao som do telephone. — O *Eletrical Engineer* dá conta de um caso muito interessante de transmissão a longa distancia: — um concerto musical executado em Nova York, Madison Square, foi ouvido em Morristown com intensidade tal, que os convidados poderam dançar ao som do telephone.

O receptador era munido de uma especie de busina destinada a ampliar os sons.

Fica isto á conta do famoso jornal scientifico americano que dá a noticia.

A soldagem nas caixas de conserva. — O estanho, o chumbo, e as ligas desses metaes, em qualquer proporção que seja, são sempre atacadas muito lentamente pelos acidos contidos nas conservas alimenticias. O ataque é em relação directa com a superficie em contacto.

O estanho empregado na fabricação da folha de Flandres, que contem particulas de chumbo e 0,01 a 0,02 de cobre e de outros metaes, offerece mais resistencia aos acidos das conservas que o estanho chimicamente puro ou carregado de chumbo.

Hoje que a industria já não contesta a possibilidade de fazer soldagem em estanho fino, por forma alguma se póde admittir que ellas se façam nas caixas de conservas com outros metaes que não sejam estanho, empregado no fabrico da folha de Flandres.

Só assim é que se pódem ver desapparecer essas soldaduras de chumbo, que se encontram frequentemente no interno das caixas de proveniencia estrangeira, e com ellas, sem duvida, bastante damno que se attribue actualmente a um metal que durante muito tempo passou por inoffensivo.

Taes são as conclusões de um excellente relatorio de M. Balland referente aos extractos de carne e outras conservas alimenticias

Coloração das photographias por meio das cores de anilina. — Certas photographias, como as dos actores em trajos theatraes, soldados uniformisados, estatuas, paysagens, etc., tomam certo tom artistico e de exquisita verdade se forem coloridas por meio das côres de anilina. *Revestindo*, por assim dizer, os objectos reproduzidos com umas cores tenues e naturaes as photographias conservam toda a sua finura e toda a sua transparencia.

Antes de colorir as provas sobre papel albuminado, aristotypico, ou qualquer outro, devem cobrir-se de uma camada de fel de vacca e depois dar lhes um ligeiro verniz de gomma (2 partes de gomma por 100 d'agua).

As côres devem ficar bem dissolvidas em agua; procede-se por aguarellas, e quando uma camada de cor tenha sido dada deixa-se seccal-a para julgar-se do effeito, porque ás vezes a côr escurece ao seccar.

Camadas de cor sobrepostas dão tons diversos: o amarello sobre o azul forma o verde, o amarello posto sobre o verde modifica-o para mais claro, etc. Podem misturar-se as cores da anilina ás da aguarella.

Quando o colorido estiver inteiramente terminado e bem secco *encaustica-se* a prova, o que lhe dá mais brilho e solidez.

Os negociantes de artigos para photographia teem geralmente a cor de anilina já preparadas.

Um outro processo, mas esse muito mais simples e ao alcance de todos, consiste em collocar a prova positiva em uma solução de anilina.

As provas tomam as tintas cores de rosa, azues, verdes ou amarellas muito curiosas.

A experiencia mostrará a vantagem em operar como acima dissemos e segundo a immersão no banho.

Caminhos de ferro electricos aereos. — Um caminho de ferro d'este genero, da extensão de 186 milhas vae ser estabelecido entre Buenos Ayres e Montevideo, com o fim de transportar as bagagens postas entre as duas cidades. Deverá esse caminho atravessar a embocadura do Prata e os dois fios serão presos de cada lado do rio por duas torres de cerca 270 pés de altura.

Negro Mineral. — M. Voiret creou em La Faye uma officina para o fabrico do negro mineral. Esta officina fabrica annualmente 400 000 kilogrammas de negro mineral conhecido no commercio pela denominação de *pós de sapatos mineral*.

O negro mineral é o residuo da destillação completa dos schistos em vaso fechado.

A calcinação dura oito horas O residuo é recolhido com apagadores laminados onde se resfria ao abrigo do contacto do ar. O schisto calcinado se apresenta então sob a fórma de laminas delgadas, de um negro intenso coloridas pelo carboneo puro.

O negro mineral soffre então uma escolha minuciosa que tem por fim eliminal-o dos pontos oxydados e coloridos de branco pela desapparição do carboneo.

Depois d'essa escolha passa a um moinho de onde é transportado mechanicamente a um apparelho de limpar que separa os productos segundo o seu grau de firmeza. Por fim vae aos cylindros trituradores que o reduzem a um pó impalpavel.

Em todas as industrias, ou nas artes que precisam de um negro intenso, bem *fechado*, o negro d'Auvergne faz aos outros negros séria concorrencia.

Elle se emprega na pintura em geral e em particular na pintura dos navios porque resiste admiravelmente á acção da agua do mar. Emprega-se egualmente na fabricação da graxa, da tinta de imprimir, dos vernizes e dos papeis de forrar casas mozaicos etc. Goza além disso de sérias propriedades de desinfecção e para a decoloração

dos liquidos seu poder descorolante é comparavel ao do negro animal. O negro d'Auvergne tambem opera a descoloração rapida dos oleos, xaropes, etc.

Novo canhão revolver. — Em Hartfort (Estados Unidos da America do Norte) fizeram-se ultimamente algumas experiencias de um novo canhão revolver, inventado pelo tenente de marinha W. H. Diggs, e que será provavelmente adoptado pelo governo americano.

Este canhão pesa apenas 848 libras (384,65 kilogrammas) e lança projecteis conicos em aço duro de 6 libras (2,72 kilog.), a uma distancia de cerca de 9.000 metros. A velocidade inicial d'esses projecteis é tal que em 1.800 metros atravessam, sem a quebrar, uma placa de aço de 15 centimetros de espessura!

Mas o que caracterisa principalmente o novo canhão é a extrema facilidade da sua manobra. Póde girar em torno de um eixo vertical a descrever um angulo completo de 360 graus e lançar dois tiros em direcções diametralmente oppostas em menos de um minuto!

É de uma engenhosa construcção e de extrema facilidade na extracção do cartuxo e o gatilho muito similhante ao do revolver.

O colossal sino de Moscou. — M. Bernardes inventor da soldadura electrica e M. Kerovine, architecto, acabam de submetter á approvação do governo russo o projecto da soldagem dos pedaços do famoso sino historico «Tsar-Cloche» e sua installação sobre um edificio colossal que terá 175 metros de altura e 100 metros de largura, cuja planta elles apresentaram.

A construcção está avaliada em 15 milhões de francos (2 700:000$000 réis).

O campanario será de estylo moscovita, terá a fórma d'um zimborio alongado e deverá conter em sua base um museu: ao centro o *Tsar Cloche*, por baixo uma egreja e no alto a famosa torre. No tecto, ou cobertura, por cima da torre se representará o globo terrestre, cujo centro será Moscou.

Novo processo para se conhecer a falsificação dos azeites. — Este processo é fundado sobre o emprego do nitrato de prata na proporção de 25 por cento no alcool ethylico a 90 graus.

Opera-se da fórma seguinte:

Em um tubo de ensaio deita-se 10 centigrammas de azeite a ensaiar com 5 ditos de solução alcoolica de nitrato de prata e deixa-se cerca de meia hora em banho-maria. Depois examina-se o conteudo:

1.º O azeite de oliveira, puro, conserva sua transparencia e tomará uma tinta verde esmeralda.

2.º O *arachide* puro toma uma côr amarellada escura.

3.º O sesame toma a côr do rhum muito fechado.

4.º O colza torna-se negro e depois verde-cinzento.

5.º O de linhaça toma uma côr vermelha muito escura.

6.º O oleo d'algodão torna-se negro carregado.

7.º O oleo de cravo adquire uma côr negra-esverdeada.

8.º A *camelina* torna-se negra. A' luz do dia inclinando o tubo apresenta uma tinta rugibrica.

É o que diz um relatorio do sabio chimico Mr. Brullé apresentado á academia de Paris.

Illuminação electrica da fabrica de polvora de Saint-Médard. — Todos sabem o incremento que ultimamente tem tomado a illuminação electrica nas fabricas de polvora, arsenaes e fabricas de materias explosivas.

Nenhuma luz póde ser comparada, em questão de segurança, á lampada incandescente para os locaes em que se operam perigosas manipulações.

A possibilidade de encerrar essas lampadas em lanternas hermeticamente fechadas protegidas ellas proprias por bem dispostas rêdes supprime o inconveniente do escandecimento e impéde todo o contacto, mesmo superficial, com a atmosphera.

Recentemente, sob a direcção de M. Bérard, engenheiro dos trabalhos em polvora e salitre, a administração da fabrica de Saint-Médard acaba de fazer alguns ensaios de illuminação electrica nas suas officinas. Os resultados foram tão animadores que foi decidido installar-se a illuminação diffinitivamente

Foram confiados os trabalhos de installação a M. M. Sautter Harié e Comp.ª A luz electrica espalhada pelos diversos compartimentos é fornecida por uns fóccos em arco de 1:500 bougias e por lampadas de incandescencia, protegidas contra os choques por uma dupla cobertura de vidro e rêde de ferro.

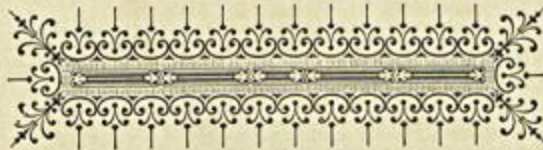
O mais difficil de installação foi a disposição dos lugares. Era preciso esclarecer pela incandescencia locaes affastados a uma distancia de 900 metros da estação geradora, entretanto que se devia manter uma tensão constante de 110 v. á extremidade de uma linha de 45 m. m² de secção mas os trabalhos nada deixaram a desejar.

Tubos de papel para gaz. — Empregou-se, ha já algum tempo na Philadelphia, tubos de papel para a distribuição de gaz nos edificios. Segundo *La Papaterie* estes tubos são feitos com papel de monilha cuja largura corresponde á extensão dos tubos.

Começa-se por fazer passar o papel em um banho de asphalto ao sahir do qual se vae enrolando, bem esticado sobre um rolo de ferro até que se obtenha a espessura que se pretende dar ao tubo.

Feito isto submette-se a uma forte pressão, ensaibra-se a sua superficie exterior, lava-se em seguida com agua pura para melhor facilitar a sahida do rolo de ferro.

Termina-se a operação guarnecendo o interior do tubo com qualquer substancia impermeavel.

S. P.

REVISTA POLITICA

Para seguirmos a ordem chronologica dos factos temos ainda n'esta revista que nos referirmos á crise monetaria, apesar de haverem mais crises que vieram á supuração, como é a crise politica ou a crise ministrial, a mais importante que n'este momento se apresenta, porque é a valer, mesmo sem se saber ao certo por quê.

A crise monetaria que o decreto de 7 do corrente trouxe á supuração, foi aggravada por um outro decreto publicado tres dias depois, decreto que nos dava a grata noticia de que não havia já prata para trocar as notas do Banco de Portugal, e que o povo traduzia, na rapidez do seu juizo critico, n'estas simples palavras: — tambem já não ha prata.

O decreto do dia 10 estabelece uma moratoria de 60 dias para o troco das notas do Banco de Portugal e para os vencimentos de letras ou outros quaesquer titulos de dividas que se vençam durante aquelle praso.

Como facilmentd se vê, este decreto produziu ainda peior impressão que o primeiro, e produziu essa impressão justamente por vir depois do outro, no curto praso de tres dias.

Para cumulo de infelicidade, o decreto era a consequencia de uma exposição que o Banco de Portugal fizera ao governo, declarando as difficuldades em que se encontrava para resistir á corrida do publico que não se saciava mesmo da prata, á falta de não encontrar ouro.

Uma perfeita infelicidade de providencias governativas, incluindo a exposição do Banco de Portugal, que só devia servir para uso do governo, porque não havia nenhuma vantagem de a publicar e antes pelo contrario.

Este excesso de sinceridade do governo, foi o mais impolitico possivel, e tornou a situação ainda mais grave do que já era, porque lhes augmentou o terror que já não era pequeno.

Felizmente o bom senso publico tem sabido triumphar do terror em que os decretos do governo o abysmaram, e tem reagido contra a crise, com um vigor que bem mostra que a sua bolsa não está tão desprovida e o seu animo tão abatido que se não possa equilibrar no meio d'estes abalos financeiros, que estão abalando o mundo, porque é bem que se saiba que o mal não é só nosso, mas de todas as praças da Europa e da America, e que veio aqui reflectir-se por tabella.

Com a serenidade precisa e mutuo auxilio poderemos deixar passar a onda sem que ella nos arraste.

Muito mais grave está sendo a situação politica de nos acharmos sem governo, e sem haver quem queira tomar conta da nau do estado.

O governo apresentou a el-rei a sua demissão no dia 15 do corrente, exactamente quando menos se esperava uma tal resolução. A imprensa diaria publicava n'esse dia a noticia de ter sido assignado em Londres o novo tratado anglo-portuguez, e publicava tambem uma noticia que illucidava sobre as bases geraes do novo convenio, que parece mais acceiravel do que o primeiro e em que emfim nos saimos tão airosos quanto possivel de uma lucta travada entre o cordeiro e o lobo.

Esta noticia, agradavel ao paiz, mais fazia esperar uma apresentação do governo ao parlamento, do que a fuga que o governo fez, porque n'estas circumstancias o governo não cahiu, mas sim fugiu.

E no meio de uma serie de interrogações sobre a demissão do ministerio, interrogações a que ninguem sabia responder, veiu hontem o *Dia* declarar que o governo demettiu-se, porque sabendo que pouco tempo lhe restava de vida desde que se abrisse o parlamento e se approvasse o tratado anglo-portuguez, não estava para trabalhar para os outros a arranjar as finanças que tinham dente de coelho.

Isto é que é muito fim de seculo, como hoje se diz, e nós diremos antes que é muito pouco patriotico nas actuaes circumstancias.

Mas para que entre os politicos se não levantem ciumes sobre o patriotismo que os caracterisa são passados seis dias que o governo pediu a sua demissão, que foi acceite pelo chefe do estado e ainda esses patriotas não accordaram na maneira de organisar um novo governo.

O sr. João Chrysostomo, impelido pelos seus collegas, presistiu na demissão, na impossibilidade, de sosinho poder fazer governo, e indicou a el-rei, o sr. conde de S. Januario para formar novo ministerio.

Durante tres dias alimentou-se a esperança que o illustre titular formasse governo, chegando a correr em publico a lista dos ministros em prespectiva, mas por fim não chegaram a accordo e o sr. Conde de S. Januario foi ao paço resignar o cargo que el-rei lhe confiara.

Figuravam n'aquella lista os nomes dos srs. Conde de Macedo, Marianno de Carvalho, Moraes de Carvalho, João Franco Castello Branco e Lopo Vaz.

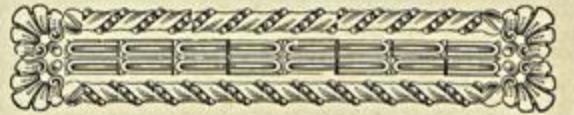
Como se vê, um ministerio composto com homens de diversos partidos e que a opinião publica recebeu bem,

Pois não vingou e el-rei chamou então o sr. Serpa Pimentel para formar gabinete.

O chefe do partido regenerador, o partido que tem a maioria no actual parlamento, anda tambem ha tres dias para formar umministerio, mas parece que não é mais feliz que o seu antecessor, pelo que sabemos á hora em que concluimos esta revista.

E digam-nos depois d'isto para que servem tanta politica e tantos politicos n'este tão pequeno paiz?! É o caso de repetirmos:

Infeliz Patria!

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Gremio Artistico. — Na reunião da assemblea geral do Gremio Artistico sob a presidencia do sr. Ramalho Ortigão, foi apresentado o parecer do jury da primeira exposição de bellas-artes, promovida pelo Gremio, e no qual se allegam os motivos porque não foram concedidos premios honorificos aos expositores.

Damos na integra esse parecer, que foi approvado por unanimidade:

Depois de cumprir a primeira parte da missão honrosa que lhe foi confiada, regulando a admissão das obras d'arte concorrentes á nossa primeira exposição, o jury deligenciou completar os seus trabalhos, estudando com escrupulosa attenção a maneira de conferir os premios honorificos.

Para o desempenho cabal d'esta incumbencia, o jury encontrou um obstaculo irremediavel nas disposições do artigo 22 dos Estatutos do Gremio Artistico, o qual manda conceder tão sómente primeiras e segundas medalhas, alem da medalha d'honra para cada uma das bellas-artes representadas na Exposição.

Desde logo se viu que não era possivel, n'estes termos, uma distribuição equitativa de premios. E' reunindo em successivas conferencias para tratar convenientemente d'este assumpto, cuja gravidade não pretendia illudir por meio d'uma resolução tomada de animo leve, o jury chegou á conclusão de que não devia conceder recompensa alguma.

Concessões de territorios em Africa. — Alguns nossos colegas da imprensa teem-se occupado de umas concessões de territorios na Africa orien-

tal, que tem sido pedidas ao governo por estrangeiros.

Ora nós sabemos da existencia, no ministerio da marinha de muitos pedidos de concessões d'aquelles terrenos, feitas por portuguezes, e que jazem no esqnecimento ha muito tempo sem obterem solução favoravel.

Ultimamente, porem, (em 2 de abril) appareceu no *Diario do governo* um projecto de estatutos para uma companhia mineira denominada *Gorongoza Sofala Exploratiou Company* a respeito de que ha justas razões para desconfiar que esta companhia seja uma filhinha da *South African*, e que procura alcançar concessão de terrenos para depois os passar a mãe ou cousa semelhante. Parece que o pedido de concessão para esta nova companhia não se fez segnndo os processos seguidos, mas apenas verbalmente, sendo recommedado com grande empenho por um titular estrangeiro muito conhecido e que vive em Lisboa.

No empenho de defendermos a nossa Africa da invasão dos Inglezes, que infelizmente ja se alastram por lá em larga escala, como é sabido, não podemos deixar de revelar estas armadilhas com que os inglezes procuram illudir o governo portuguez, no intuito de irem estendendo o seu dominio em Africa mesmo nos territorios de que elles nos não podem negar a posse de direito e de facto:

N'este mesmo sentido parece haver ainda um outro pedido de concessão para uma companhia tambem ingleza, mas em que ha um portuguez que pede a concessão. Este pedido foi feito pelas vias competentes observando-se o processo do costume, mas não deve tambem inspirar mais confiança que o outro.

E' facil de prever as consequencias d'estas concessões feitas a companhias, sem que se estabeleça a condição expressa das mesmas serem exclusivamente portuguezas para todos os effeitos juridicos, sem premissão de passarem as concessões a outras companhias estrangeiras, de modo que ainda que tenham de admettir capital estrangeiro este nunca possa absorver os direitos das companhias portuguezas.

Não nos parece que seja difcil conciliar estes interesses e tanto mais havendo, como consta haver, grande quantidade de pedidos de concessões de terrenos em maior e menor escala para portuguezes, mesmo de Moçambique.

Chamamos pois a attenção do digno ministro da marinha e ultramar para este assumpto que julgamos ser do maximo interesse, e não deixaremos de seguir de perto esta questão

VISCONDE DE PINDELLA. — Falleceu no dia 10 do corrente, em Braga, o sr. Visconde de Pindella, cavalleiro fidalgo da casa real, primeiro visconde do conselho de S. M. commendador da Conceição, gran-cruz de Isabel a Catholica, condecorado com a medalha humanitaria, antigo deputado em varias legislaturas, ex-governador civil de Braga e de Vianna, socio correspandente do Instituto de Coimbra, socio honorario do Gremio Litterario Portuguez do Rio de Janeiro, 12.º senhor do morgado de Pindella, 6.º senhor do morgado dos Guerras, instituido pelo bispo de Cabo Verde, D. Manoel da Guerra.

O illustre fidalgo nasceu em janeiro de 1824. Casou a primeira vez em 7 de janeiro de 1839 com a sr.ª D. Maria do Carmo Cardoso de Menezes Barreto, senhora do morgado de Paço de Nespereira, com geração nos actuaes viscondes d'este titulo, e a segunda vez em 19 de janeiro de 1853 com a sr.ª D. Eulalia Estelita de Freitas Rangel de Quadros. D'este casamento houve os seguintes filhos: a sr.ª D. Garcia Assumpção e os srs. Vicente e Bernardo Pindella.

O finado que militou na politica filiado no partido progressista, era um distincto poeta, prozador e orador que deixa alguns trabalhos de merecimento, entre os quaes citaremos em primeiro logar o seu drama *A Vingança* e o seu livro *Passeios na Povoa de Varzim* de collaboração com Antonio Pereira da Cunha e D. João d'Azevedo.

Figurou na patuleia e foi tenente de cavallaria ás ordens do general Conde das Antas. Ultimamente exercia o cargo de fiscal dos alcools na circumscripção do norte.

A' sua illustre familia enviamos a espressão da nossa condolencia

ALBERGUES NOCTURNOS.—Na sessão solemne dos Albergues Nocturnos, realisada no dia 10 do corrente, a que nos referimos no nosso ultimo numero, foi nomeado por Sua Magestade El-rei para o logar de vice-presidente da assembléa geral, Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso, para 1.º secretario o sr. A. A. Pereira de Miranda e para 2.º o sr. Zepherino Brandão.

Para a direcção fôram eleitos effectivos, os srs. José Pereira Soares, marquez da Praia e de Monforte, conde de Valenças, conde de Burnay, José da Costa Pedreira, visconde de Rio-Vez, Frederico Ferreira. — Supplentes: Polycarpo Pequet Ferreira dos Anjos, Antonio José Gomes Netto, barão d'Almeida Santos, Eduardo José Brochado, Joaquim Moreira Marques, Luiz Eugenio Leitão, Carlos Duarte Luz.

Para o conselho fiscal. — Antonio José de Seixas, Manuel Joaquim Alves Diniz, Antonio Pereira de Carvalho.

ACONTECIMENTOS DE MANICA

O MAJOR ALFREDO AUGUSTO CALDAS XAVIER

COMMANDANTE DO BATALHÃO DE VOLUNTARIOS DE LOURENÇO MARQUES

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Brinde aos srs. assignantes do Diario de Noticias em 1890. — A Empreza do *Diario de Noticias* acaba de destribuir aos seus assignantes, conforme os mais annos, o vigessimo sexto livro brinde, que é um volume de 168 pag.ªs in 8.º contendo os seguintes artigos e contos litterarios, todos de boa escolha e bons auctores: *A Africa Portugueza*, de Pinheiro Chagas; *Nuvem desfeita*, de Affonso Vargas; *A minha terra*, de Raphael d'Almeida; *A fonte da perguiça e a nogueira da miseria*, de João de Mendonça; *Severina*, de Guiomar Torrezão; *A noite de 3 de Setembro de 1758*, de Alberto Telles; *O rei da Ericeira*, de A. Pimentel *Othellosito*, de Rangel de Lima Junior.

Historia da Luzitania e da Iberia por João Bonança, Lisboa. Fasciculo 22 d'esta importante obra, a mais notavel que modernamente se tem produzido em portuguez.

Assigna-se em Lisboa, rua Ivens 41, cada fasciculo de 32 pag.ªs 400 réis em Lisboa ou nas terras onde ha estações postaes. Por volume pago adiantado 6$000; a obra completa (3 vol.), 17$000 rs.

A victima d'um Frade *romance historico, primeira parte Maria Hespanhola*, por Wenceslau Ayguals de Izco, Bibliotheca do Recreio, João Romano Torres, editor, Lisboa 1.º e 2.º volumes d'este romance de que se tem feito varias edições em portuguez e tanto basta para o recommendar aos amadores d'este genero de leitura.

Les champs d'or *Afrique Portugaise* par A. C. Paiva e Pona, M. S. G. L. médecin naval, traduit du *Bulletin de la Société de Géographie*, par Antonio du Portugal de Faria, M. C. S. G. L. vice consul de Portugal á Cadix, delégué de *l'Alliance Scientifique Universelle* á Cadix, membre des Sociétés de Géographie de Paris et de Madrid etc. Lisbonne, imprimerie de l'Académie Royale des Sciences, 1891. Publicado pela Sociedade de Geographia de Lisboa. Uma noticia interessantissima com documentos importantes sobre os campos d'ouro da provincia de Moçambique. já conhecidos dos portuguezes no seculo XVII e explorados.

A Alvorada *revista mensal litterrria e scientifica*, directores Souza Fernandes e J. Menezes, proprietario Manuel Pintode Souza. Famalicão, n.ºs 1 e 2 do 3.º anno, com apreciaveis artigos litterarios, sendo o n.º 1 illustrado com o retrato de Alvaro de Castellões.

Portugal Moderno *revista quinzenal biographica, litteraria e de bellas-artes*, director Amandio Holtreman etc. Lisboa. Com este titulo principiou a publicar-se em Lisboa uma revista com retratos photographados. O do 1.º n.º é do sr. dr. Armelin Junior, advogado vantajosamente conhecido, o do n.º 2 é do festejado dramaturgo e poeta Lopes de Mendonça e o do n.º 3 de Gervasio Lobato. A collaboração litteraria muito boa.

Real Gymnasio Club Portuguez *Relatorio da Direcção e parecer da commissão revisora de contas. Gerencia de 1890*. A leitura d'este relatorio é extremamente lisongeira para a instituição a que se refere, mostrando que, apezar das difficuldades com que tem luctado, vae n'uma crescente prosperidade que se traduz nas differentes secções em que se tem devedido a saber: gymnastica, esgrima, carreira de tiro, bibliotheca e gabinete de leitura, jogos, secção naval, secção de velocipedistas e festas, e que todas tem tido um desenvolvimento progressivo.

Publicações da Companhia Nacional Editora:

A Terra Illustrada, por O. Reclus. Fasciculo 56. Preço 100 reis.

A Madrasta, por Xavier de Montépin. Caderneta n.º 3. Preço 60 reis.

Orlando Furioso, de Ariosto, illustrado com as celebres composições de *G. Doré*. Fas. 39. Preço 200 réis.

Apostolado de Jesus Maria José. N.º 14, correspondente ao mez de fevereiro, contendo dois lindissimos chromos, e uma gravura em aço, separadas, e uma gravura em madeira, impressa no texto. Preço 100 réis.

Astronomia Popular, de Flammarion. Fasciculo 63. Preço 80 réis.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
R.NovadLoureir o, o 25 a 43